

A COMEDIA SOCIAL

Advertencia

O gerente da Comedia Social não pode presenciar do avulso dos Srs. assignados para regularizar a entrega desta folha, e por isso pede aos mesmos senhores o cumprimento do caso de qualquer falta, mandando aviso ao escriptorio da redacção, rua do Rozario, n.º 43, 1.º andar.

RIO DE JANEIRO, 8 DE DEZEMBRO DE 1870

A historia do organista.

ROMANCE.

(Continuação.)

Sentia-se silencioso e absorvi as harmonias que elle tocava para mim, sendo successivamente pedagos do sonatas de Bach, antenas de Cherubini, trechos fúnebres de Chopin, musicas estrepitosas de Wagner, queixas affastadas do Rossini. Era uma mistura maravilhosa com o fim de experimentar os recursos do organo e a pericia do organista em mudar repentinamente de tom, de estilo e de expressão.

Como conversava a um critico, porém satisfeito auditorio de um só, eu applaudia com ospallugares no fim de cada fragmento. Finalmente d'aquella suave miscellanea veio sabando furcivamente a simples e commovente aria do « Vagabundo » de Schubert, lamentação do desceito, canto fúnebre da angustia.

« São variações minhas proprias, » disse Jorge—quando começou a entrelaçá-lo com os bordados da sua fantasia.

Por intervallos, reaparecia a queixosa nota em diferentes oitavas, e finalmente Jorge a fez descer até o mais profundo baixo. A medida que ia produzindo as notas mais profundas, sons chiutos e ensurdecedores, observava que por vezes toda a igreja tremia sympathicamente. Ella parecia apañar uma nota, multiplicá-la indefinidamente e prolongá-la com prazer.

Quando Jorge parou para descansar, o depois de agradecer-lhe cordialmente, disse eu:

« Faça o favor de dizer-me o que é que produz essa profunda vibração em toda a igreja, quando você toca algumas d'essas notas graves. »

« Tudo a nota da igreja. Ora, veja. (Tocou o folhe Thomazinho.) » Elle começou em OC e foi desceudo por semitons até CCC, o limite das notas graves. Era um trevo de diferentes grãos. A cada nota successiva, observava eu uma vibração no coto e nas partes do edificio que estavam perto de nós; mas havia uma a que todo o edificio respondia. Esperei até subir-se de novo a escala, e quando sou a nota outra vez, disse eu, « É esta. »

« Fa di-se—« a nota tónica da Igreja Evangelica. »

« Tem cada edificio a sua nota tónica? »
« Sem duvida. Esta igreja, por exemplo, é somente um tubo de um organo gigantesco no diapasão de fa di-seo, oitavas e oitavas abaixo da mais baixa escala. Quando toco essa nota no tom de baixo profundo, produz-se um som bastante cheio para a igreja apañá-lo e vibrar sympathicamente com elle. »
« É um facto mais curioso e interessante, » disse eu.

« Que me responderia você se eu lhe affirmasse que cada ente humano tem a sua nota tónica? »

« Não duvida, mas desejaria ter algumas provas, se não lhe faz differença. »

Jorge veio-se sobre o tamborete de um modo muito animado. « Não quero apresentar theorias sobre esta minha singular proposição, mas contarei uma historia verdadeira para exemplificá-la, se você pelo dispor de vinte minutos. »

« O assumpto interessa-me. O mesmo effeito me produz o seu ar serio. Sou solteiro, e posso dispor de toda a noite. »

« Eu tambem sou solteiro, » disse Jorge, rindo; e mas pelo minha narrativa ficará sabendo se é provavel que eu fique sempre assim. »

Aqui, pois, está a historia do meu amigo organista, com a omissão do meu fogo nutrido de perguntillas e exclamações do esparto:

Antes de vir ser aqui organista e regente da musica—fazam agora quatro annos—occupi esta posição na principal igreja de uma linda cidadezinha de Nova York Occidental.

Eu pretendo sempre a direcção exclusiva da musica da igreja, e resisto-me que se envolva n'isso o reitor ou o coadjutor justamente como elle o resentiria se eu dietasse que sermos deviam elle pregar ou que hymnosbr. Isto não é lei canonica, eu o sei, mas é o uso, e defaulto esse uso. Tenho a bondade de reter este prefacio, pois contém a minha justificação.

Goose de um anno antes de mudar-me para a cidade, morreu o soprano d'essa igreja rural e tive de achar outro. Conhecida eu uma voz fresca e deliciosa de bastante extensão e força, pertencente a uma mocinha por nome Nelly Beck. Era discipula de um mestre de musica, e recommendava-se fortemente ao meu interesse, não só por cantar bellamente, mas ainda por ser sua mãe uma pobre viuva a ter outros tres criancas.

A minha unica objecção para aceitá-la—era ser muito humil. Vouo ri-se d'isso, porém as mulheres bonitas algumas vezes semeiam a disocedia no coro. Tem namoros com o tenor ou com o baixo, ou com ambos. Aceito a sua emenda—e com o organista. É um lugarzinho excellentissimo para namoro—atez d'estas cortinas vermelhas—posso dizer-lhe.

Pois bem, não obstante a belleza da senhorita Beck, contentei-me. Fiquei agradamente contrariado. Estudava cuidadosamente, me era muito obediente e respeitosa, e não namorava. Para ser franco com você, comecei a interessar-me realmente por ella.

Você antecipa o que eu ia dizer. Sim, posso declará-lo, enamorei-me d'ella. Aqui, disse comigo, está justamente o modelo musical e a linda mulher-decepção você precisa, Jorge Mcclestown.

Mostrei-me muito attencioso com a senhorita Beck. Acompanhava-a frequentemente ao sabir da igreja—uma das encantadoms preoxigativas do organista em toda a parte e particularmente no campo.

Presentava-me com uma porção de musica. Fazia-me geralmente agradável a ella, e o tenor tomava-se um elemento sem importancia. Ella porém, com accitar as minhas manifestações de civilidade, não dava signal de corresponder aos meus sentimentos.

Assim continuavam as cousas por alguns mezes—eu... sem receber animação real da parte da senhorita Beck, e hesitando se devia declarar-me ou não;—quando o reitor tomou um novo coadjutor, o Reverendo Sr. Hatcher. Este cavalheiro tinha anteriormente sido coadjutor n'um condado interior do Estado, e, diziam, devia a sua nova posição ao seu parentesco longinquo com a senhora do reitor.

(Continua.)

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS.

Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1870.

Ilm. e Exm. Sr.:—Fomos um corpo de bombeiros, e tambem um regulamento que obriga os agudeiros portuguezes a comparecerem aos incendios.

No intuito de ser bem informado das vistas que annexo o ministerio a cargo de V. Ex. a semelhante respeito, permitta V. Ex.

que solicite as seguintes informações, e offereça algumas lembanças ou observações que podem ser de proveito.

1.º— Que providencias estão dadas pelo ministerio a cargo do V. Ex. para que a população sedenta desta cidade não apañe as carruagens e beba a agua antes de chegar esta ao seu destino?

É evidente que cada aguderoi deve ser armado de um chaufalho, ainda que tiver de comprá-lo por sua conta e risco, o que fôra mesmo melhor dispensar.

2.º— Se comparecem os urbanos promptamente aos incendios?

A resposta affirmativa presuppõe que elles todos têm bons capotes para que não apañem constipações.

A estes bem se poderia facultar licença de carregar barris de agua para extinguir o incendio.

3.º— Se ha muitos pratos de ganto nas localidades mais expostas aos incendios, e se ha urbanos proprios para capitaneal-os? É muito importante ter uma grande turma de pratos sob as ordens de um valente e habil urbano, para fazer o servico da condução de agua.

4.º— Com algum auxilio do ministerio a cargo de V. Ex., seria facil collocar outros quartas rombantes e estabelecer novas colônias de pratos nas immedições das localidades expostas aos incendios?

V. Ex. conhece perfeitamente que para o Sr. Comandante do corpo dos bombeiros está reservado um grande futuro.

Cumpre, pois, que V. Ex. lance mãos das providencias mais adequadas para animal-o e desenvolvê-lo.

Ha ainda uma medida a meu ver pouco custosa, e que seria de immediata e grande utilidade, que o ministerio a cargo de V. Ex. poderia adoptar de accordo com o da fazenda.

Um novo penacho, para o capacete do dito Sr. Comandante, custa pouco, e a despeza com a sua compra seria pequena comparada aos seus immediatos e uteis resultados.

V. Ex. terá a bondade de attender ao que fica pedidado, e instruir-me do que convém para os fins convenientes.

Aproveito a occasião de reterar a V. Ex. as segurancas de minha alta estima e mui distinta consideração.—Miguel de S. Vicente.— A S. Ex. o Sr. Jeronymo José Teixeira Junior.

RECADOS DOS AMIGOS

Lunda,

O FETTERIRO—E—S. FETTERIRAS.

Se avoso por FETTERIRO □ □ □ □

Juro Rosa-anda em valçam,

Sei de uma Rosa sem Juro,

Que é fetterira tambem,

Denuncia a policia dou

Que Rosa me enfiteira.

Juro Rosa esti em talas,

Ja mo do valç o fetteriro;

Mas a policia assestada

Que não se ufano por iso;

E senão... se avimo tom,

Que fetterira Rosa tambem,

Se nesse entrago se mette,

Ala que festa quehendo haver l...

A policia lica presente;

Em vez de Rosa prender;

E o chefe a seus delegados

Calvitos a fetteirados l...

Prendem o Juro Rosa,

Fetterira charlatão;

Mas a minha fetterira

Juro que não produz, não.

Que o seu fetteriro das taes

Que o gente inda pede mais,

Se a policia quer, eu digo

(Juro) a minha Rosa está,

Sain á rua e em cada casa

Rosa Rosa encantada;

Porque em cada braileira

Juro uma fetterira.

Fetteros do Juro Rosa

São negros ardis do borron;

Fetteros juroes só ha

Dos braileiros no amor;

Pois tem na amor nimos taes

Que é gozar e pedir mais.

Dois moços e uma velha.

Luciada e Aurelia, moços do vinho amos, tinham sido companheiros de collegio, e eram intimos amigos, o que não impedia que fossem ao mesmo tempo rivais furiosas em campanhas de namoramentos.

Luciada era muito mais bonita que Aurelia; em conversação porém esta se recomendava por virtude com as rés de cote, enquanto a outra tinha por trizão dois seus olhos azues.

Por ultimo Luciada havia feito a conquista do mais ardente apaixonado no senhor Manoel de Braga, ex-cariótipo e resumo negociante de retalhos.

Luciada já calculava com casamento próximo, quando Manoel de Braga, tendo noticia dos vinte contos de Aurelia, concebeu a esperança de tornar-se, á custa d'ella, negociante de atacados, e, sem vergonha nenhuma, mudou o rumo do seu amor e mesmo avistou de Luciada nascendo Aurelia.

Aurelia zombou da amiga e esta jorou virgar-se.

Luciada tomava em querer casar com Manoel de Braga, e para dar boa lição a Aurelia e livrar-se da rival, entendia-se com outra sua amiga, a senhora Bonifacia, a viuva mais feia do Rio de Janeiro, sessenta annos de idade, e sessenta contos de fortuna, um sacco velho cheio de dinheiro.

Bonifacia recebeu a confidencia e o empenho de Luciada, e compromittu-se a servir-a, obrigando-se primeiro a namorar Manoel de Braga e a roubar-lhe o amor de Aurelia; e depois de conseguido isso, a desenganar o interessado namorado, e a convencer-o de que lhe convinha casar com Luciada.

Ku poucos dias Aurelia sentiu mudança nos modos de Manoel de Braga, em poucas semanas foi desposada por elle.

Manoel de Braga estava doutrinadamente apaixonado por Bonifacia, porque já se imaginava negociante de fundus publicos e director do Banco do Brasil.

Luciada, que por sua vez riu muito de Aurelia, corteou a Bonifacia, e observou lhe que era tempo de abrir os olhos de Manoel de Braga.

— Oh! disse Bonifacia; elle já os tem sufficientemente abertos; não preciso que os abra mais.

- E' verdade?
— Bem! Luciada! é verdade que Dona Aurelia tinha rodo muito do você?
— E' verdade; mas ainda ha dois dias...
— Você rio-se muito d'ella; sim?
— Muito; o sr. não poder mais...
— Pois agora chegou a minha vez?
— Como?
— Rio-me de vocês ambas...
— P'pore?
— Caso-me depois d'amarão com o Manoel de Braga.

Consequencias da guerra franco-prussiana.

- Então, Constantino, é em Janeiro que partes?
— Para onde?
— Ora! não tinham resolvido seguir para fucoipa afim de apressurar os teus estudos de jurisprudencia, astronomia, e magnetismo animal?
— Sim; mas agora não preciso mais em ir á Europa.
— Por que?
— Perderá o meu tempo.
— Como?
— Não se pode mais estudar em Paris depois da destruição do Bois de Boulogne e do estego dos boulevards.
— Ah! tens razão!... Reduziram-se as academias e as escolas... e o dinheiro...

- Qual?.. gasta-se do mesmo modo e ainda á franceza...
— Onde?
— No Alcazar el castero.
— Ah! nesse caso tome o meu conselho, Constantino; vai para Berlin, em quanto se concerta Paris.

O QUE VAI POR AHI

Carissimos leitores! Amáveis e graciosos leitores! Desculpai, que eu coneeho hoje por francezate alguns lobos de um folhetim muito interessante, muito bom escripto, que foi publicado ha poucos dias sobre o maior de todos os assumptos da actualidade. Pensaes, talvez, que vosso sobra o processo do Juca Rosa, ou sobre o caso da Beuzada, ou sobre os accusados e imponentes manifestações de nossa mocidade em favor de Carlos Gomes, ou sobre o attentado prussiano contra a revolução, sobre o maior crime de um exercito e o maior heroismo de uma cidade. E' sobre Paris atacada da bombardamento! Depois de um serie de viagens inglores... ditto o escripto... os prussianos dirigiram-se para Paris. Esse nome, que por si só bastaria para fazer respellar a cidade que é tão, e victima, dos horrores de uma guerra barbara. A cidade, centro da civilisação, o supremo tribunal que decide e o brilho verdadeiro do genero das fabas lençolisimas que se desfazem a mediocridade, pela propria grandiosidade e veneração de que gozava, excitou o odio e a inveja da Prussia. Os muitos direitos que tem á gratidão de todos, são crimes para aquella nação. Paris a cidade descriptiva do finitimo, offerece um aspecto imponente e grandioso: honras salemnes. O povo levanta-se como um só individuo, e calmo espera o monstro que a ameaça. Um só pensamento, uma só aspiração a posse. O Paris seu venerado se vendedora? E' o perigo da humanidade, que fazendo votos para seu successo, espera os factos. E' todos respectivo, só Bismarck quer aniquilal-a. Em todos os tempos os barbaes possitiram os momentos do auto, a esola da submissão, ou pelo menos os tabernaculos das religioes, e etc. A França e a Alemanha, p. 16, 19.

Muitos peçojo pensam que Paris é a cidade dos modas, das fantasias, dos excessos ephemeras, e não passa disto.

E que esses se occupam de modas, fantasias e excessos ephemeras, e não passam disto.

Para nós, folhetimista do Comedia Social, Paris é o foco da intelligencia, o grande laboratorio das idéas, e cadinho das inspirações grandiosas e bellas, em que se encontram todos os phenomenos da existencia, e por isso mesmo todos os representos possíveis, todos os contrastes imagináveis.

Entre n'uma daquellas cases mobilizadas, especies de estalagem burguezas que a grande cidade offerece ás bolsos modestos, e observação de cima altaísa.

Encontramos uma pobre mezinha nas aguas furtadas, cozendo, borchindo ou mesmo pandoado para sustentar a velha mãe. Eis o trabalho.

Encontramos a estudante pobre nos andares mais altas. E a proeminente que obteve uma pensão para ir á capital aperfeiçoar-se, e o poeta artista estrangeiro, que foi buscar na moderna Athenas idéas necessarias ao exercicio do genio. Eis a sciencia, o estudo, isto é, o futuro da civilisação.

Abaixo encontramos o modesto pobre, o advogado, que começa, vivendo modestamente, o livreiro, que tem sua loja de dois passos, o pequeno familia, que não pode aspirar palmeiras e transmisse n'uma situação modesta, sem relação com o nobre, nem intimidade com o baixo plebeu. Eis a subordinação, a lei, o bibliopha, a educação e a singelosa, nobres. Ilhas de uma civilisação immaculada.

Não é raro encontrar-se ali o velho industrial, o sábio retirado da vida acadêmica, um laido do donzella tímida, louca, adoravel, que se perdoia no primeiro lanque d'olhos do estrangeiro moço. Eis a tarde serena de um dia do outono, e ao mesmo tempo a bella auroa de um outro, consideravel: repentina no passar pelo céu o bafo da tempestade.

A honrosa e mulher eremita, o surdeirão de honra, a formosa noiva a moçadadeira vir atipor os documentos do seu criterio e o futuro do seu vida, já longe, lá pelos bairros da fantasia; attribuindo com os seus olhos artificialmente fasciados as rãs que piscam.

Quem disser que em Paris há serpentes e porque foi rá.

Pallamos agora do nosso Rio.

E diga-nos o leitor por que segredo do pensamento lembramos-nos do Rio, todo de barbaes em leis, de conservadores e liberais, depois do fulgor de Paris?

Foi porque fallamos em rés, as rés trouxeram-nos aqui no pensamento, e aqui trouxo nos pejos o idio, e o pejo trouxo-nos naturalmente ao Rio.

Eis, pois, como se passa, por uma serie de transições insensíveis de Paris ao Rio, do Rei Guilherme no Juca Rosa.

Não se offende S. M. com a assignação natural das nossas idéas, que todos deves são inimigos da republica. O processo de Jupa é com elleito e grande assumpto nacional, a mescolleza da immoralidade favela seu gyro de boca em boca, para ir abafar-se na consciência dos que temem vel-o em verso, nas melopias do povo. Nem a questão dos frades do Carmo, em que Frei Audaz arreou o soldado a Frei Caduco e atirou no riaz; nem a celebre historia das Damas do Pedilho, em que aquellas senhores pozeram n'uma situação incómoda a Igreja da Cruz e a do Sacramento, nem a assignação de um periodico dedicado ao trabalho, ao artista; nem as Expedições Fluctuantes, de Castro Alves, nos tem soudo tanto os curvidos como o processo do Juca Rosa.

Mas, por fallar de Castro Alves, o leitor hade ter visto por ali um folheto verde, com a assignação de modesto tamanho e titulo por título de de Espinas Fluctuantes.

Alguns dizem já o amamentado, porém com certo deslum immersado, e certamente injusto para com um talento vigoroso e robusto como o do poeta que o deu ao publico.

Não vos deverei levar pelas diáscras, caros leitores, abri o livro e julgai por vos.

o lago de fira

Não é tão bonita essa poesia, não é tão delicado o pensamento, minusa a idéa, e de tão meiga inspiração? Refleto-a.

E' tacido

Como pôde possuir, como é severo, como é bella! Dir-se-hia logo porcasatido divino, a machurar nos labios sedentos e cado do uras que pendê lascivo para trancas desorganizadas da bechada; e depois entendo fulminando nos pes da diáscra; e dizem-lhe: repito de proases e o favela, é muito favela.

E o Os Anjos do meu noite?

Que voluptuosas sonhos! Quem é deus? vis que não se viu passar uma após uma diante do seu leito, formosas, meigas, banhando-vos nas delicias da recuperação?

Cheios por inteiro uma pequena inspiração de Castro Alves.

O Coração.

O coração é o culbri durado Das veigas pajas do jactos do céu. Um sem a mil do grandioso agreste, Hebe os perfantes que a honra deu. O outro—vivera mais viventes balsas, Pousa de um riso no rubente fol. Vira do mel—á que se chama—erucas, Vive do aroma a que se chama amor.

E, já que nos falta espaço para falarmos dignamente do Coração, seja-nos permitida felicitar os actiões do país, pelas grandes orações do que têm sido o objecto na pessoa de Carlos Gomes.

Corado com a aureola do genio, o victorioso na terra da terra, percorrendo um caminho de resas egmas, pedindo nos espargos a um seu immenso, vendo distado de si um horroresito sem nuvens, Carlos Gomes caminha plácido para gloria, sem se lembrar talvez que passo pelas estradas, tantas vezes subidos dos sacos da miséria, tantas vezes regado de lagrimas de outros talentos por aquella apedrejados.

E' o primitivo artista a quem o Brasil se manifesta estimo, admiração.

Ass outros se manifestaram medo.

Corá, Carlos Gomes, esse e vai-se para a terra da gloria, lá está a corva sem espilhas, o calce sem tel, a gloria sem macula, a immortalidade sem violação de inveja.

Para nos cobrir de gloria o genio das artes não carece estar localizado.

Raphael viveu no Roma, Rossiniem Paris, e nem por isso Urubio e o Italobrevem de aborrecidos a fama.

Carlos Gomes, foi favela uma lingua universal; onde está a tua patria? Estais por ventura num canto do globo, aqui, lá, na America, em S. Paulo? Não; tua patria é o mundo e tua gloria é a nossa!

E vêa, manobras generosas e entusiasmadas do bello; e cidadãs justas, corajosas leas, que vos quizeses distinguir do plebeo dos réis, preparando os triumphos do laburo, rochido as nossas felicitações!

Vós, que escreveis a biographia do artista, e lembrades nomes espezicados e desdenhados da tantos generos nacionaes a quem a fortuna não sorriu, vis formais agera o tribunal infalivel da inspiração, e em vossas mãos que está encerrada a reputação do artista brasileiro. Tiuvraçã.

LITTERAS E ARTES.

Thaheo S. Paulo. — Sexta-feira, 2 do corrente, subiu a sessão, para festejar o anniversario do nascimento de S. M. Imperial, e meloamente em 4 actos, Breveiros e Partegares.

E esta uma peça meos exagerado e absurda do que são em geral os dramas deos genios, e além de ter o merito negativo, não importado, do não offender o moral, possui alguns typos mais ou menos correctos. Os mais importantes são os do Thomé Pinheiro (leitor), pescador e vagabundo-mór; José Manoel (sermano), contra-mestre de brigue Linda Aurelia; Maria (d. A. Chaves), criada velha da escola antiga, e Bismundo de Artzes (Maia), milite bravo, heil e um tanto estovado e jandado.

A Sr. D. Eugénia esteve muito empenhada no papel do troscos tambor Partegares, e cantou com espirito e vivacidade a canção do soldado portuguez.

O bailado dos pejos, novidade attractiva, foi bem executado e agradado muito.

O auditorio numerozo applaudiu energicamente, especialmente o honrado negociante, o Sr. Castro Uzo, e bem assim um velho muito fino que, quando subia, quite por fuca, amarelo com o longo e seu cabelo nomeado, e outro supito que ficou um pouco abalado no principio por não ter podido achar a cadeira n.º 10 D., mas que logo cobrou animo e divertiu-se mais do que ninguém.

O Lushimim — E' este o título de uma nova folha de curvatura que subiu pela primeira vez quinta-feira passada. Como quasi todas as folhas deste genero, escreveu caçoada com o Journal do Commercio. Tem bastante espirito, especialmente o primeiro desenho que é capaz de possuear um sorriso na cara do homem mais rubicundo e choroso.

Nova comedia. — Constantino que ensaie-se actualmente em todos theatros a comedia de nossos costumes politicos. O importante papel do ministro da agricultura secca (como sempre tem sido) desorganizado por N. N.



Quêta Todó!
 Quem dizes que depois de tanta ventura eu me ha-
 via de achar entre quatro paredes! E tu, meu Arjo,
 cacetos ao T e mostra-te indignado contra a justiça.
 Se teu marido sabe! elle que me crey seu amigo...
 Tu, V.



— Nem por ares da Santa-Sé! pegaram o meu
 pinheiro favorito, e eu não sei a quem ponham para
 substituí-lo; ha tantos presidentes!



Caso Lulú!
 Recibi a tua amavel de hoje. Não tenhas medo: o
 irmão de T morreu por mim, e eu estou certo de obter
 o que quizer. Que te impostas tu com meu marido?
 ainda fezeste muito caso daquella banana.
 Tu, Z. r.



— Então que diz V. Ex. do não?
 — Não posso dizer bem: amava pelo coração dos
 outros e deixau descobrirem os seus segredos.



— Oh! como é feio o réo; até parece nunca ter
 amado!
 Não vês como nos olha com-indiferença?



— Que pena, Izabelinha, que pena não o termos
 conhecido antes de estar preso, tão sympathico!
 — E depois, que coração ardente, poitico!...



— Ah! meu grande consueiro, então você também
 anda metido no processo do tal negro, pra saber
 onde é que moro as moças bonitas?
 — Mas, minha amiga, não ha no Rio-que-m não
 faça o mesmo.



— Que porém é verdade e que o Juca anda bem-
 tribado de Fortuna, e comia melis...



— Pois que vão todos á favor com o tal moleque!
 bondadinhos! o ainda dizem que beber, e vicio! Viva
 a Republica!